

Fundação João Pinheiro

Um exercício de resistência cultural

WALTER SEBASTIÃO

Planejamento, pesquisa aplicada, formação de recursos humanos, consultoria técnica, são algumas das orientações seguidas pelo Centro de Estudos Culturais da Fundação João Pinheiro. Criado em 1985, como ampliação de uma diretoria ligada ao patrimônio histórico e planejamento urbano, transformou suas funções de forma a atender outros setores, realizando trabalhos que procuram fornecer subsídios para políticos nas áreas de educação, cultura, tecnologia e meio ambiente.

Listando as atividades previstas para 89, Eleonora Santa Rosa, Gerente Interina do Departamento de Planejamento e Meio Ambiente, dedicada a concepção e planejamento de pesquisas e projetos que articulam estes três elementos, "desvendando suas relações mútuas. Naturalmente, nem tudo são flores" nas atividades do Centro de Estudos Culturais da Fundação. "Sofremos dos mesmos problemas que todos os setores ligados à produção cultural padecem no seu dia-a-dia: faltam recursos para levar à frente os projetos que são muito importantes".

— O que nós conseguimos é realizar um constante exercício de resistência cultural. Apesar de todas as dificuldades conseguimos negociar os projetos com as empresas privadas e órgãos públicos, viabilizando estes trabalhos que são muito importantes para a cultura em Minas, afirma Eleonora Santa Rosa. Ela aproveita e conta um projeto que não conseguiu realizar, mas que considera decisivo neste "novo momento que começa a viver a cultura brasileira", constatando a carência de produtores e animadores culturais temos um projeto de formação de recursos humanos para o setor, passando o know-how adquirido com as nossas atividades e apostando na descentralização cultural".

— Não é o Estado que tem de produzir cultura, mas os animadores e criadores, que têm de se manifestar", acrescenta Eleonora Santa Rosa, dizendo que este serviço de capacitação, que poderia ser permanente, ainda não conseguiu recursos para ser viabilizado. Para a Gerente do CEC, o conceito de relação cultural está mudando na medida que os produtores começam a se profissionalizar. Acredita que se começa a viver no Brasil um momento de mudança na medida que os produtores começam a se profissionalizar. Acredita que se começa a viver no Brasil um momento de mudança na medida que os produtores começam a se profissionalizar. Acredita que se começa a viver no Brasil um momento de mudança na medida que os produtores começam a se profissionalizar.

O setor de Estudos e Projetos Culturais tem, entre suas realizações, um estudo, a pedido do MinC, chamado "Casas de Cultura em Minas Gerais", com um diagnóstico do funcionamento de nove entidades, de diferentes regiões do Estado. Desse volume ainda, vídeos, como a série "Cultura em

Debate", 10 programas que foram exibidos pela TVE, e realiza seminários como "Sociedade, Cultura e Tecnologia" (de 84) ou "Microeletrônica e Sociedade" (de 87), sendo que este último coloca Minas numa posição de pioneirismo quanto às relações brasileiras sobre o tema.

Os analis vão ser publicados até o final de janeiro.

Estas atividades voltadas para pensar o impacto das tecnologias emergentes são, ainda, um exemplo das preocupações que orientam a área de "Cultura, Tecnologia e Meio Ambiente", dedicada a concepção e planejamento de pesquisas e projetos que articulam estes três elementos, "desvendando suas relações mútuas. Naturalmente, nem tudo são flores" nas atividades do Centro de Estudos Culturais da Fundação. "Sofremos dos mesmos problemas que todos os setores ligados à produção cultural padecem no seu dia-a-dia: faltam recursos para levar à frente os projetos que são muito importantes".

O projeto "Asinado por Eleonora Santa Rosa, Jarbas Medeiros e Maurício André, trabalha sobre três ideias básicas: uma abordagem comparativa de ideário político das dois movimentos, buscando as influências do pensamento francês entre os intelectuais; análise crítica da historiografia brasileira contemporânea sobre a Revolução Francesa e a Inconfidência Mineira, e uma valiação do significado, nos dias atuais, das expressões "Liberdade, Igualdade e Fraternidade" e "Liberdade Absoluta". Previsto ainda, a edição de livros e a realização de vídeos comentários.

— O projeto prevê cinco grandes conferências, cujos temas são: "O Brasileiro e a Revolução Francesa", "A Inconfidência Mineira e a Revolução Francesa", "As Ideias Republicanas e constitucionais na América Latina", "As Ideias da Ilustração no Brasil", "Contextualização Histórica das Liberdades". Para falar sobre estes assuntos, convidamos especialistas à intelectuais como Afonso Arinos de Melo Franco, Celso Furtado, José de Souza Brás, Francisco Iglésias, Raymundo Dias, Benedito Nunes, Afonso Avilla e Fernando Corrêa Dias.

Para quem não sabe, a Fundação João Pinheiro foi criada em 1969, pelo Governo do Estado de Minas Gerais, com o objetivo de realizar estudos e pesquisas que subsidiassem as ações do Estado.



Eleonora Santa Rosa. "Não é o estado que tem de produzir cultura, mas os animadores e criadores, que têm de se manifestar"

Igualdade e liberdade, a luta continua de pé

Em meio aos anos do contexto cultural mineiro, que começa a ser revivido proeza de comemorar o ano de 89 completamente despreparado para elaborar um calendário minimamente consistente dedicado a uma data com o peso e significado do Bi-Centenário da Inconfidência Mineira, a Fundação João Pinheiro é a única honrosa exceção no sentido de apresentar um projeto articulado. Com apoio da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), vai ser realizado de 24 a 29 de abril, em Ouro Preto, o seminário "Liberdade, Igualdade e Fraternidade Francesa", ambos na casa dos 200 anos.

O projeto "Asinado por Eleonora Santa Rosa, Jarbas Medeiros e Maurício André, trabalha sobre três ideias básicas: uma abordagem comparativa de ideário político das dois movimentos, buscando as influências do pensamento francês entre os intelectuais; análise crítica da historiografia brasileira contemporânea sobre a Revolução Francesa e a Inconfidência Mineira, e uma valiação do significado, nos dias atuais, das expressões "Liberdade, Igualdade e Fraternidade" e "Liberdade Absoluta". Previsto ainda, a edição de livros e a realização de vídeos comentários.

— O projeto prevê cinco grandes conferências, cujos temas são: "O Brasileiro e a Revolução Francesa", "A Inconfidência Mineira e a Revolução Francesa", "As Ideias Republicanas e constitucionais na América Latina", "As Ideias da Ilustração no Brasil", "Contextualização Histórica das Liberdades". Para falar sobre estes assuntos, convidamos especialistas à intelectuais como Afonso Arinos de Melo Franco, Celso Furtado, José de Souza Brás, Francisco Iglésias, Raymundo Dias, Benedito Nunes, Afonso Avilla e Fernando Corrêa Dias.

Colocar uma lente de aumento sobre a escola, analisando as relações sociais que se estabelecem no seu interior, procurando verificar o quanto esta instituição contribui para a transmissão de estereótipos raciais e sexistas, é o objetivo da pesquisa que está sendo realizada pela historiadora Jussara Franca. O discurso do professor, a fala do aluno, os livros didáticos, as relações interpessoais, as hierarquias administrativas, são os muitos elementos que vão ser articulados nesta avaliação que se quer comprometida com os valores democráticos.

O universo da pesquisa vai ser as escolas públicas, mais exatamente as quatro primeiras séries do primeiro grau. O determinante nesta escolha, como explica Jussara Franca, é o fato de ela ser a primeira experiência educacional sistematizada; este nível ser oficialmente obrigatório para todos; e a questão de, por reunir crianças de até 10 anos, ser uma fase essencial de transmissão de valores. Ela acrescenta que devido a todas estas características, o primeiro grau atinge a maioria das crianças brasileiras, inclusive as de baixas rendas.

Esta avaliação já foi feita por um primeiro relatório, definindo métodos, terminologia e linha de trabalho a ser adotada. "Nos próximos anos uma linha de interpretação da escola que se

chama Pedagogia Crítico-Social, que admite a contradição e a superação da contradição dentro da escola". Ou seja: a instituição faz uma transmissão de cristalizações ideológicas quanto espaço de questionamento destes valores, até pelas diferenças de formação e perspectiva de seus agentes. O objetivo maior não é só a denúncia, mas o momento, estando sendo renegociados recursos para que o projeto possa ser desenvolvido.

Explicando que o trabalho parte da hipótese de que há uma cultura racista e sexista (palavra utilizada pelo movimento de mulheres, para designar a discriminação por sexo) Jussara Franca lembra que o objetivo maior não é só a denúncia desta cultura, mas sim trabalhar para que as pessoas vivam melhor. A tentativa é fornecer subsídios para uma política educacional anti-discriminatória em relação a mulher e ao negro, privilegiando o ensino de valores comprometidos com a democracia social. Considera ainda que o ano de 89 é o melhor momento para isso, pois são muitos oportunos para estes desdobramentos.

A ideia da pesquisa surgiu a partir do núcleo de pesquisas da Fundação João Pinheiro, a partir de um vídeo chamado "Dandara, Mulher Negra", que recebeu vários prêmios.

Resgate aos baits da música em BH

Resgatar a história da atividade musical de Belo Horizonte, no período compreendido entre a sua fundação, em 1897, e a inauguração da primeira emissora de rádio estatal - a PIR-Rádío Inconfidência, de 1936 - é o objetivo da pesquisa que vem sendo desenvolvida por Andrea Mândoga Lage da Cruz, arquiteta e musicóloga, e Joana Domingues Vargas, historiadora desde 1986. Arquivos queimados, dificuldade de localizar e organizar as informações existentes, e a urgência de realizar o trabalho, até porque os pioneiros estão muito velhos, foram obstáculos no trabalho.

Apesar de tudo já existe um resultado concreto: um cadastro identificando os principais músicos, os grupos musicais, as escolas de música, os clubes e festivais da capital. Andrea Lage não esconde que o mais importante agora seria conseguir um financiamento para que ela fosse editado. "É um trabalho de grande utilidade para qualquer pesquisador, seja no campo da música ou da história de Belo Horizonte. Meu objetivo, mas não descartado, é quanto desejo e possibilidade, está ainda a gravação de um disco mostrando um pouco da produção dos autores.

— A mesma pesquisa já resultou, ainda, num álbum de fotografias, editado pelo CEC em 87, com expressões de momentos do início do século, acompanhando de textos históricos, depoimento dos músicos, trechos dos jornais e revistas antigas.

Deu quebra, para o número de janeiro da revista da Fundação João Pinheiro, a dupla de pesquisadores está preparando

um artigo que leva o título de "A Música dos Salões da Nova Capital Entre 1897 e 1907". O ponto de partida do interesse pelo tema foi a constatação da existência de pesquisas no campo da música.

— Se no Brasil são poucos os trabalhos sobre música em Minas, a situação de Belo Horizonte é menos analísada e identificada ainda, afirma Andrea Lage, dizendo que chamou sua atenção de imediato o fato de que grande parte do acervo musical está perdido ou se perdendo, produto de um descuido com o registro histórico. Levanta um tema importante: o problema (absurdo) da inexistência de um Museu da Imagem e do Som, atuante, em Belo Horizonte. "É um problema sério", afirma, lembrando a questão da perda dos acervos e, como consequência, o desconhecimento coletivo do que foi feito na cidade.

Outra observação vinda da pesquisa: a presença da música em todas as atividades. Nos circuitos, nas homenagens aos poetas, nos coros, nas festas e, a partir de 1908, nos cinemas.

— Este último passo a ser uma importante forma de lazer para a classe média e todos tinham a sua pequena orquestra (em média com nove a 15 integrantes) ou um pianista, gerando um movimento importante em termos de trabalho para os músicos. Eram ainda recintos onde aconteciam shows e concertos", comenta Dos pioneiros, cita nomes como Plautoino Vale, Oria Pedro da Castro ou o Quarteto Aschermann.

As dificuldades e a falta de memória do Brasil são motivos para o trabalho de resgate de desígnio? Andrea Lage responde que não. "Pelo contrário, acho que não há importância do material e o descuido existente, a situação da maioria, mas não vou deixar de trabalhar pela causa da memória", completa.



Andrea Lage da Cruz. Trabalho fundamental para os pesquisadores